

\* 3 SET 1980

# O difícil diálogo

FROTA NETO

CORREIO BRAZILIENSE

O diálogo do presidente do PDS, senador José Sarney com as oposições, cumpre hoje nova etapa quando ele procurar o presidente do PP, senador Tancredo Neves, o malicioso mineiro que lhe cobrou procuração, passada em cartório, pelo Governo, para conversar com as hostes adversárias.

De 1964, para cá, e mais exatadamente depois de 1968, a ditadura radicalizou, de tal maneira, as posições políticas que o que devia ser rotina no Parlamento (lugar onde se fala) é questionado pelos interlocutores e por seus liderados. O distanciamento é tal que ontem Sarney ia procurar Ulysses Guimarães, em seu gabinete na Câmara, sem saber que o presidente Flávio Márcilio dali expulsara situacionistas e oposicionistas, o que deu lugar ao comentário de Djalma Maranhão: "Estão tão desencantados que nem sabem os caminhos".

O Brasil nem sempre foi assim. Mesmo no período do governo Castello Branco, este procurava contactos com a Oposição conservadora de Amaro Peixoto e Martins Rodrigues para a troca de idéias. Nos primeiros tempos da administração Costa e Silva, os emedebistas chegavam a ser convidados para cinema na no Palácio da Alvorada e para acompanhá-lo em viagens ao exterior.

Com o abalo sísmico de 1968, o paraíso se fêchou a toda a classe política. No governo Geisel, abriu-se uma fresta para a ARENA - através da qual passou galhardamente o falecido Petrônio Portella. O general-presidente tratava o MDB publicamente como inimigo. E o duro autocrata que comandaria a abertura política não podia, sequer ouvir, o nome de Ulysses Guimarães que, numa boutade, ousara de certa forma, compará-lo a Idi Amin.

Perdeu-se o hábito do diálogo. São ainda tempos de imposição. A retórica do Presidente Figueiredo é generosa para com a classe política, desde que ela não pense em partilhar o poder. Ele chegou mesmo a fazer acenos formais à Oposição mas, pela própria essência do sistema, não vai adiante, pois não ouve o próprio partido.

De qualquer maneira, não impede que o presidente do PDS, senador José Sarney, vá tomar o cafézinho de Ulysses Guimarães e Tancredo Neves,

talvez o chimarrão de Brizola.

Na sua terapia ocupacional, o senador Sarney procura os líderes da Oposição e, o que devia ser rotina, se o País estivesse mais civilizado, se converte em notícia. Mostra, no mínimo, o quanto andamos distanciados da necessária e urbana convivência democrática. Voltam os bons modos e isso é bom.

## Sarney discute hoje o acordo com Tancredo

José Sarney e o presidente do PP, Tancredo Neves, reúnem-se hoje, às 10 horas, para um exame de situação nacional e avaliação da melhor maneira de os partidos do Governo da Oposição agirem de comum acordo quando estiver em causa o interesse nacional. O encontro dos dois senadores, dará prosseguimento aos entendimentos mantidos ontem entre Sarney e o presidente do PMDB, com a mesma finalidade.

Entre os temas a serem abordados figuram o exame do projeto que estabelece prerrogativas do Poder Legislativo, troca de idéias em torno de um amplo projeto de emenda constitucional e a viabilidade de uma Constituinte com Figueiredo.

Sarney e Tancredo disseram ontem que o principal, no entanto, é que se abram e ampliem canais de comunicação entre os partidos do Governo e da Oposição, pois esta prática poderá vir a revelar-se valiosa em momentos de crise.

Tancredo assistiu ontem, no Rio, a missa mandada celebrar pela Ordem dos Advogados do Brasil, "em memória da querida companheira D. Lyda Monteiro da Silva, diretora da Secretaria do Conselho Federal da entidade, vítima do terror desencadeado na quarta-feira passada".

O líder do PP no Senado, Gilvan Rocha, afirmou que o Presidente da República, recebeu um aval dos partidos oposicionistas, à sua promessa de apurar e punir os responsáveis pela onda terrorista que tem abalado a Nação, nos últimos dias, estando, agora, na obrigação de apresentar os esclarecimentos reclamados por toda sociedade brasileira.